

Carta para ELAS: um estudo sobre práticas de comunicação não-hegemônica para mídia sonora

Paula Gorini Oliveira¹

Resumo

Este trabalho, de caráter ensaístico, tem por objetivo compartilhar uma experiência de observação participante na produção do podcast experimental *Rádio-Carta Mulher* (RCM), produzido com cinco mulheres atingidas pelo sistema prisional, em 2022. Em formato experimental, o podcast tem como foco a comunicação de mulheres que foram estigmatizadas e socialmente excluídas por suas passagens pelo cárcere. Neste ensaio será apresentada a metodologia epistolar como forma de acessar narrativas de histórias de vidas, e do podcast RCM como prática de comunicação não-hegemônica. E, também, será articulado um debate com base em autores decoloniais para pensar as especificidades de mulheres estigmatizadas por um sistema de produção de morte, que é o sistema prisional.

58

Letters to HER: a study about practices of non-hegemonic communication in audio media

Abstract

This essay article aims to share an experience of participant observation in the production of the experimental podcast *Rádio-Carta Mulher* (RCM). In the podcast, which was produced in 2022, five women who have lived in the prison system were interviewed. In an experimental format, the podcast focuses on facilitating communication among women who have been stigmatized and socially excluded due to their experiences in prison. This scientific essay presents the epistolary methodology as a means to access life narrative stories. Additionally, the RCM podcast is presented as a practice of non-hegemonic communication. Finally, a debate informed by decolonial researchers is engaged to examine the specific challenges faced by women stigmatized within the death-producing system of the prison system.

Keywords: Non-hegemonic practices of communication. Epistolary methodology. Women affected by the criminal justice system.

¹ Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ), na Linha de Pesquisa de Tecnologias de Comunicação e Cultura. Mestre pelo mesmo programa. Pesquisadora associada ao grupo Trama (Comunicação, Arte e Redes Sociotécnicas/UERJ). E-mail: paulagorini@gmail.com.

Introdução

“Apenas a matéria vida era tão fina”
(Caetano Veloso)

Trabalhar com histórias de vidas é, sem dúvida, um desafio que atravessa muitos profissionais do jornalismo que se dedicam a documentar perfil de pessoas, famosas ou não. Isto porque a narrativa biográfica, que trata da vida de cada um, por mais comum que possa parecer aos olhos de quem enxerga de longe, é a preciosidade maior para quem a vive de perto, de dentro. Sofrida e triste, alegre e próspera, vidas são matérias finas, não apenas no sentido de recursos de onde se produz mais vida, cultura, ou arte, mas principalmente pela sua delicadeza e vulnerabilidade diante daquilo que nos escapa, do que não podemos conter. Caetano Veloso escreveu essa música, Cajuína, para seu amigo, o poeta e compositor Torquato Neto, que se suicidou. Caetano sabia o que queria evocar com a poesia de seus versos, a matéria da vida, fina.

Como jornalista, atravessada pelas experiências de arte, cultura e dos movimentos sociais em minha formação, sempre tive um grande desejo de conhecer e me aprofundar em histórias de vidas. Durante minha graduação, fui estagiária do Núcleo de Comunicação Comunitária da Facha (Faculdades Hélio Alonso), e foi quando produzimos um vídeo-carta chamado *Mãos à Arte*. É nele que esta experiência que aqui compartilho começa, há 20 anos, em 2003. Como repórter da *TV Comunitária*, fiz parte da equipe que foi até a penitenciária feminina Talavera Bruce, no Rio de Janeiro, fazer o registro documental da inauguração da cooperativa de Artesanato Mãos à Arte. Foi lá que conheci Adriana, Mila e Valéria, três das cinco protagonistas do podcast *Rádio-Carta Mulher* (RCM), trabalho em áudio que será aqui debatido como relato de experiência.

Na ocasião, Adriana Galdino, que tinha o apelido de Mau (herança de outros tempos), pediu para que a gravássemos lendo uma carta ao Gugu (o ex-apresentador Augusto Liberato). Assim o fizemos e, para nossa surpresa, ouvimos uma leitura de carta com conteúdos de sonhos, dores, memórias, esperança. Uma carta que fabulava ali, com esse destinatário Gugu, quase fictício, mundos e futuros outros para Adriana e seu filho. Histórias de vidas. Ouvir Adriana lendo sua carta ao Gugu trouxe, 20 anos mais tarde, uma referência e inspiração para desenvolver a metodologia de escrita de cartas como

meio de acessar narrativas de histórias de vidas na produção de mídia sonora, a metodologia que será aqui apresentada.

Este ensaio pretende compartilhar um relato de experiência a partir do podcast *Rádio-Carta Mulher*² (RCM/2022), realizado com cinco mulheres atingidas pelo sistema prisional. Um trabalho experimental produzido com Fundo de Apoio à Cultura Carioca (Foca-2021), que teve seu lançamento em julho de 2022, e pode ser acessado gratuitamente nas plataformas digitais Spotify³ e YouTube⁴. Nele, cada mulher convidada é uma protagonista, cada episódio é sobre uma mulher: Adriana Galdino, Angela Rios, Bianca Kalutor, Marilda Mila e Valéria Mello são as protagonistas. ELAS registram suas histórias de vidas através de cartas que escreveram para outras mulheres, cartas produzidas para a realização do podcast. Além da apresentação online, o lançamento contou também com uma exposição sonora (durante um mês), no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, onde os áudios podiam ser ouvidos em autofalantes, dispostos na sala de exibição, em fones intimistas, ou, ainda, na opção em Libras, em uma televisão.

Aqui também pretende-se articular o debate decolonial na inteiração com as práticas de comunicação, com especial enfoque para a problemática de mulheres socialmente estigmatizadas, e uma reflexão crítica sobre o sistema prisional e sobre estruturas que reproduzem exclusões sistemáticas, ou sistemas de produção de morte, como veremos. A contrapelo e em contraponto com aquilo que acreditamos como sistemas de produção de vida, como na mediação de narrativas de histórias de vidas em práticas de comunicação alternativas aos modelos hegemônicos de comunicação⁵. Neste contexto, o podcast experimental será abordado como uma prática de comunicação não-hegemônica, em que a comunicação é exercida como direito fundamental, constitucionalmente garantido, e que alcança camadas de vozes historicamente silenciadas.

Em termos metodológicos, o trabalho irá observar a escrita de cartas como metodologia (epistolar) para acessar narrativas de histórias de vidas. As cartas que acessam o íntimo, o particular e o afetivo serão observadas como meios de preservar o

² Vale notar que participei como proponente e produtora do projeto selecionado e lançado pelo FOCA-2021.

³ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0O5OBMw3JENFEmhclmGdNL>. Acesso em: 10 jun. 2023.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/@radio-cartamulher5582/videos>. Acesso em: 10 jun. 2023.

⁵ Para Mauro Wolf, teórico da comunicação, a comunicação hegemônica está presente, principalmente, nos modelos de comunicação verticalizada, como os chamados *mass media*, que censuram certos temas, não legitimam opiniões alternativas ou reforçam relações de poder (WOLF, 2003).

protagonismo das mulheres sobre suas próprias histórias. Em uma tomada de posição de pesquisadora implicada (já que este relato é também sobre uma experiência pessoal de trabalho, não apenas uma observação de pesquisadora distanciada), procuro observar nas cartas formas de escrever em que, ao mesmo tempo que se narra uma história, está também se criando e re-criando biografias. Um olhar de atenção e cuidado com essa matéria-vida fina. Observar e registrar o processo metodológico epistolar, assim, é uma aposta em metodologias que diversifiquem as práticas de comunicação, criando alternativas ao que está estabelecido como grande mídia.

As cartas

A opção metodológica de uso de cartas começou de maneira intuitiva, foi construída ao longo do processo de produção do podcast RCM, junto com ELAS, e segue como uma pesquisa em andamento. A premissa dessa metodologia é seu funcionamento como uma tecnologia de acesso a narrativas de histórias de vidas, através do afeto. Dos vínculos afetivos que se apresentam na escrita de uma carta. Para quem escrevemos quando escrevemos uma carta? O que da nossa vida queremos compartilhar? Quem são nossas destinatárias? No caso do podcast, foi pedido que a destinatária fosse uma mulher, que poderia estar viva ou não, mas que existisse. Durante o processo de produção do podcast, foi observado que a escrita de cartas era também uma forma de acessar memórias e histórias das protagonistas. E, levando em conta a proposta de uma escrita livre, as cartas articulam criativamente processos de fabulação e de ficção de si.

Sobre a fabulação, entendemos que esta não se dá apenas no processo de “invenção” de seres e personagens da escrita literária, como também está presente nas próprias narrativas de si, que nada mais são do que a corporificação de nossas próprias perguntas, nossas próprias constatações ou de nosso próprio fluxo de pensamento. Fabulamos mesmo quando nos retemos à memória de acontecimentos, pois nosso imaginário produz ficções no momento mesmo que vivemos o acontecido, agregando camadas de sensações, que passam a configurar também a memória do vivido. Gilles Deleuze e Felix Guattari (1997), ao fazerem o cruzamento entre filosofia, arte e ciência, atribuem à experiência das artes um bloco de sensações, *afectos* e *perceptos*, que não são apenas afetos e percepções, mas um composto que atravessa a sensorialidade humana, sempre em transição de si para alguma alteridade que lhe confronta.

Conjugando com a autora Mariana Pimentel (2007), que trabalha com o conceito de *fabulação* com base em Deleuze e Guattari, a relação entre memória, afectos e perceptos fala também de uma alteridade criada a partir da singularidade das histórias narradas. São formas de relatar o passado, registro de memórias, evidências de uma criatividade posta em ação, rompendo qualquer ideia de pureza relativa a essa história: fabular invoca, junto ao ato de narrar, o ato de criar. A fabulação, assim, é uma forma de evidenciar a complexidade do mundo contemporâneo em que vivemos e sua diversidade de pontos de vistas.

Nesse mesmo caminho de pensamento está a observação sobre as narrativas de histórias de vidas. Marcia Moraes e Alexandra C. Tsallis (2016) falam sobre “contar histórias” como prática de escrita acadêmica, com base na metodologia do *escreverCom*, uma forma de ativar sensivelmente descrições de campo, em um envolvimento afetivo entre quem pesquisa e com quem se pesquisa. As autoras tomam por base outras autoras — Donna Haraway, Josselyn Conti e Chimamanda Adichie⁶ — para argumentar que *escreverCom* é um posicionamento político diante do fazer científico. Formas de produção acadêmica em que não há a predominância de um “deus observador externo”, nem um corte cirúrgico que separa narrativas em estudos de casos, nem modelos únicos de história que tendem a compactar histórias de vidas em moldes pré-formatados de tamanhos únicos. É dessa forma que Moraes e Tsallis (2016) nos chamam a atenção para a presença do feminino nas ciências, um fazer científico que não é descorporificado. Ou, como dizem as autoras: “O feminino na ciência se faz com a alegoria do laço, do vínculo. Mais do que afirmar a separação entre sujeito e objeto, o que está em cena é o vínculo, a conexão, o afetar e ser afetado no encontro com a alteridade” (MORAES; TSALLIS, 2016, p. 48).

Assim, para desenvolver este tópico sobre a metodologia epistolar, proponho um exercício de costurar experiência prática, vivida e corporificada na relação de troca com as próprias protagonistas, mescladas com impressões sensíveis, subjetivas, da autora que aqui relata. Tal metodologia é aqui compreendida intuitivamente a partir da experiência prática, a escrita de cartas como meio de acessar um sensível e dizível em narrativas de histórias vidas. É também inspirada pela tradição da Crítica Textual no que

⁶ Vale notar que essas autoras estão sendo citadas apenas como parte da argumentação de Moraes e Tsallis, por isso a referência é indireta. De qualquer jeito, me pareceu pertinente incluir seus nomes para fundamentar o argumento do *EscreverCom* como posicionamento político diante da pesquisa científica.

tange à epistolografia, que seria o estudo de cartas trocadas entre autores (de diversos campos, da filosofia à literatura), que revelam aspectos sensíveis sobre um determinado contexto social, histórico e político (COSTA; SÁ; BARBOSA, 2020). Começaremos com as cartas⁷, com o elemento da experiência, uma apresentação das histórias de vidas, para depois refletirmos sobre essa experiência junto ao debate decolonial e enquanto jornalismo íntimo e pessoal, como mídia sonora.

Para começar, vamos olhar para um trecho da carta de Adriana Galdino, dessa vez escrita em 2022, para sua amiga Rosinha:

De: Adriana
Para: Rosinha

Meu nome é Adriana Galdino Gomes, mais conhecida como a Mau. Hoje tenho 51 anos de idade. Assim que eu nasci fui abandonada pela minha mãe e fui criada em um colégio interno. Quando completei 18 anos, tive que sair de lá. Aí começou a minha trajetória de vida. Com 19 anos, comecei meus primeiros furtos para sobreviver e logo em seguida fui para a prisão. Lá conheci diversas pessoas, umas boas, outras ruins e tive que vestir uma capa para sobreviver, porque lá só sobrevivem os fortes. [...] ali é a verdadeira escola da vida. [...] Foram muitas noites intermináveis e eu só chorava, no auge da minha dor nada me consolava. Onde foi choro, hoje é alegria. Onde foi perda, hoje é conquista. Onde teve luto, hoje, existe vida. [...] Dedico essa carta à minha musa inspiradora Rosa Maria Amália, ou melhor, Rosinha, gratidão a Deus por tudo! (GOMES, 2022).

A metodologia de escrita de carta, na produção do podcast RCM, se estruturou a partir de uma proposta simples: cada mulher deveria escrever uma carta para uma outra mulher, a sua escolha. Essa destinatária poderia estar viva ou já ter morrido, poderia ser alguém próximo, ou não, mas deveria ser alguém que tivesse marcado sua trajetória. Alguém para quem elas tivessem o desejo de contar sobre suas vidas. Adriana escolheu uma pessoa que ela conheceu quando estava na prisão, que acreditou nela e em sua reinserção social, e a ajudou a conseguir emprego e seguir com sua vida, após o tempo cumprido na prisão.

Angela Rios escreveu a carta para sua avó, que já havia morrido quando ela foi presa, com quem ela possui forte vínculo afetivo. Angela escreve como se contasse à avó o que aconteceu com ela.

⁷ As cartas apresentadas tentam manter ao máximo a grafia e estilo de texto das protagonistas, por isso optamos por não corrigir erros de concordância, nem a supressão de sílabas ou letras, nas transcrições.

De: Angela

Para: Vovó

Já faz um tempo que não lhe escrevo, mas estou aqui sentada na velha poltrona para lhe contar o que me aconteceu, e é com muita dor no meu coração e fragilidade. Aquela mulher advogada forte sumiu, e agora estou me reinventando. [...] É, vó, meu mundo caiu. [...] Passava os dias, às vezes conversava com as colegas, e na maior parte, só calada nos meus pensamentos e lembranças da minha vida e no que perdi. Mas todas as semanas minha alegria chegava com as cartas da mamãe e do meu irmão, e eu as respondia... e pior, sempre mentindo, “é minha mãe, estou bem”. [...] E nesse horror, vó, vivi 5 meses e 9 dias, uma eternidade, marcados com dor, desrespeito, humilhações, vergonha, a perda da minha dignidade, da minha palavra, do meu caráter (RIOS, 2022).

Um aspecto importante da proposta de escrita de cartas era ter atenção na destinatária escolhida, pois isso muda a forma como nos comunicamos, a depender de para quem estamos falando. Na carta para sua avó, Angela fala sobre cartas escritas para sua mãe, quando estava presa. As cartas são o principal meio de comunicação dentro da prisão, com quem está do lado de fora.

Cartas, para autores de estudos epistolares, são como conversas entre pessoas que se encontram ausentes (COSTA; SÁ; BARBOSA, 2020). Também são testemunhos de relações pessoais, sociais e culturais de um certo tempo. Cartas são referências históricas, filosóficas, artísticas: documentos de legitimidade e autenticidade sobre acontecimentos, personagens, fatos, biografias. Como em diálogos íntimos, a escrita de carta como metodologia torna evidente seu caráter autobiográfico. História, memória e fabulação tornam-se parte de uma mesmo desenrolar narrativo, que acessa emoções e afirma a vida como potência.

As cartas são também dispositivos fabulatórios potentes, uma vez que confundem realidade e ficção. É como vemos em Bianca Kalutor, na carta de Natal fictícia para sua mãe:

De: Bianca

Para: Mamãe

Querida mamãe, você na certa vai achar estranho eu estar te enviando essa carta no dia de hoje, 25 de dezembro. Porque na certa você não *tava* esperando que eu te enviasse qualquer uma solicitação de ajuda ou de apoio, porque você, mãe, você me vê como uma pessoa mais forte, como uma pessoa mais distinta, mais livre. Eu sou a pessoa que você admira, que você ama. Mas, querida mamãe, você se esforça tanto pra me manter distante, distante das coisas ruins. E hoje eu percebi que essas coisas ruins são as que mais necessitam um ser humano. [...] Me

sinto livre, mamãe, graças a você. Então, eu quero que este ano, este natal, este ano novo, você comemore ele comigo. Porque não é pela data comemorativa e sim pelo simples fato de que eu [es]taria retirando você do conselho da família, da mentira da família chamada Natal, Ano Novo (KALUTOR, 2022).

Bianca, em sua carta, não fala sobre sua experiência de presídio, mas sim sobre sua experiência como mulher transsexual, que foi expulsa do círculo familiar e da intimidade e cuidado afetivo materno. Esta, como ela conta em sua autodescrição⁸, é só a primeira das exclusões que sofre uma mulher trans.

As cartas também servem como meios de produção de subjetividades que escapam aos estereótipos socialmente impostos pelas marcas do sistema penitenciário, no caso do RCM, narrativas que têm por base a liberdade e a maleabilidade da escrita criativa. Escrever se torna um ato produtivo e imaginativo que pode refletir na própria forma como nos vemos e nos colocamos no mundo.

A ideia da escrita de cartas é também de acessar memórias e histórias das protagonistas e criar pontos de contato entre quem fala — e fala sobre si — no encontro com os ouvidos de quem vai ouvir suas histórias. Como nas memórias dos encontros de Valéria Mello com Marielle Franco, que começaram na prisão.

De: Valéria
Para: Marielle

Lembra quando te conheci? Você já enraizada contra as impunidades no tratamento draconiano praticado no complexo chamado Gericinó contra nós mulheres. As inúmeras visitas que você nos proporcionava, a cada carta que recebia relatando abuso de autoridades, escrita pela nossa família ou por nós mesmas. [...] A cada encontro, você regava-me de conhecimento, e me ensinava o modo operante no combate ao racismo, homofobia, homicídios... E tudo que exclui pessoas, causando essa separação de castas. Percebi que, já dentro do cárcere, você me plantou. E naquelas conversas, você me regava. E, assim, de semente em semente, juntamos forças no combate ao fascismo, à omissão dos que são pagos pelo povo para cuidar do povo. Seguindo na mesma direção, nos juntamos às inúmeras manifestações e atos, o grito, o barulho dizendo: “somos mulheres e temos voz!” (MELLO, 2022).

⁸ Como proposta de comunicação acessível, foi produzido um episódio extra, com uma autodescrição de cada protagonista, com inspiração na ferramenta de Audiodescrição (AD), que consiste na tradução semiótica de imagens para texto. Por motivo de limite de tamanho e dos objetivos, a análise deste conteúdo não foi incluída neste trabalho.

Valéria busca na inspiração que Marielle deixou no mundo as forças para lutar contra o silenciamento, não apenas o seu próprio, como o de outras mulheres. Valéria, assim como Marielle, é uma mulher negra, lésbica, moradora de periferia e ativista. Sua história de vida é atravessada por silenciamentos que atingem mais diretamente às mulheres negras. O estigma da prisão vem a reforçar ainda mais o sistema de silenciamento que atravessa o corpo de Valéria. Como nas máscaras de silenciamento, discutidas em Grada Kilomba (2019), como formas de perpetuar a violência sobre os corpos negros.

Mila, que foi uma liderança dentro da Penitenciária Talavera Bruce, também lutou pelo direito das mulheres internas ao sistema prisional para trazer novo sentido às suas vidas diante da falta de perspectivas locais. Mobilizou o diretor do presídio na época, se juntou com outras companheiras, e conseguiu um espaço de trabalho, equipamentos e materiais para investir o tempo em conhecer (ensinar e aprender) novas técnicas de trabalho, uma profissão. Ela é fundadora da cooperativa de artesanato Mãos à Arte.

Assim ela conta na carta para sua tia Diva, que já morreu:

De: Mila
Para: Tia Diva

Oi, tia Diva! Hoje venho aqui para te agradecer pela mulher que me tornei! Pois foi em você que me inspirei, pelos dias que tive o prazer em passar na sua companhia. Nossos passeios, os lugares que você me apresentou! [...] Sabe, tia, passei por lugares e conheci pessoas, lugares esses sombrios, aonde se chora, sofre, e ninguém vê. Fui do luxo ao lixo... e entendi na vida que quando você passa pelo cárcere, você não vale mais nada. [...] Pois a gente paga o que deve pra justiça, mas pra sociedade nossa cadeia é perpétua. Tia, fiz muitas obras de arte lindas, de lixo reciclável, e vendia tudo por um bom preço. E, hoje, lutei muito pra conseguir um lugar pra trabalhar... Porque depois que passamos pelo cárcere, perdemos a cidadania. Ressocialização e reinserção não existe[m], é UTOPIA! Ainda estou juntando os pedaços e tentando reconstruir-me, e voltar a ser EU, Mila. Ainda que faltando muitos pedaços! (MILA, 2022).

Mila fala de uma mulher forte que a inspirou também em perseguir seus sonhos, em se afirmar com coragem diante da vida. Ela conta na carta para a tia sobre a cooperativa que fundou, lá onde nos conhecemos em 2003, e que, de certa forma, é onde sou atravessada em minha própria biografia pelo sistema prisional.

Na perspectiva deste ensaio, a escrita de cartas para acessar narrativas de histórias de vidas aposta no entendimento de comunicação como vínculo. No campo

epistemológico da Comunicação, é Muniz Sodré (2014) quem afirma a comunicação não apenas como meio de troca de informações, mas sim como processos de vinculação, de partilhar um comum colocado em ação. E vínculo aqui pressupõe também relação. Em artigo produzido sobre a escrita de cartas com fins metodológicos, Danise Grangeiro e Tiago Ribeiro (2021) trocam cartas escritas como forma de cartografar vidas, eles dizem: “Narrar histórias é pluralizar o mundo, é convidar a perceber a força, a resistência e a potência das narrativas invisíveis, silenciadas e minúsculas.” (*ibid.*, p. 425).

O debate decolonial a partir d’ELAS

O que ELAS têm em comum? Adriana, Angela, Bianca, Mila e Valéria são mulheres que vivenciaram o cárcere, são atingidas pelo sistema prisional e de justiça. Cada uma com sua história particular, com sua singularidade, e, ainda assim, todas estigmatizadas por suas experiências prisionais. Em suas histórias de vidas, ELAS contam sobre a experiência da prisão, a violência, os estigmas sociais que deixaram marcas em suas trajetórias. E essa é uma forma de olhar para o sistema prisional atravessado por conceitos, e pré-conceitos.

Sobre estigma, o antropólogo Erving Goffman (2004) fala:

Podem-se mencionar três tipos de estigma nitidamente diferente. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo — as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família (GOFFMAN, 2004, p. 7).

Sendo os estigmas referências de atributos profundamente depreciativos, estas marcas interferem diretamente na construção de identidades sociais, que possibilitam, ou reforçam, sistemas de exclusão. Ao tornar públicas as narrativas de histórias de vidas de mulheres socialmente estigmatizadas, pretende-se também, em senso coletivo e amplo, sensibilizar a sociedade no que concerne à reprodução de estereótipos sobre a população que vive em restrição de liberdade. Fora do presídio, as narrativas da mídia hegemônica

pouco falam sobre as pessoas que vivem em situação de cárcere, são os crimes cometidos que marcam suas subjetividades.

Mulheres que vivenciaram o cárcere carregam estigmas sociais que são como marcas que as distinguem de maneira negativada em suas subjetividades, fazendo com que não se veja mais a mulher por trás da marca da prisão, apenas o crime que, por vezes, nem cometeram. Goffman (2004) fala, ainda, sobre estigma na relação com a construção da identidade social, no que seria uma relação conflitante entre identidade social virtual versus identidade social real. Nesta provocação, entram em conflito os atributos não desejáveis e estereotipados, que formam a identidade social virtual, e que reforçam práticas de exclusão, em relação ao que seria a identidade social real, que traria à tona processos históricos e sociais na produção subjetiva. Através das narrativas de histórias vidas protagonizadas pelas próprias mulheres que vivenciaram e narram suas histórias, pode-se observar um confronto entre estereótipos criados narrativamente no senso comum e o humano que nos encontra, nos escapa, e nos põe em xeque em nossas incertezas. Um confronto com o outro, a alteridade.

Trabalhar com narrativas de histórias de vidas de mulheres socialmente estigmatizadas é também uma forma de reafirmar a vida em um sistema que reflete a morte, que é o sistema prisional. Em conformidade com as estruturas sociais desiguais em que nos constituímos coletivamente, há sistemas que reforçam a exclusão e a produção de morte. Sistemas que contribuem para a invisibilidade de pessoas que vivem sob a égide do estigma social, não importando mais quem são, e sim quais marcas nelas foram deixadas. O sistema que pretendemos olhar mais de perto, na elaboração ou reforço da ideia de que este seria um sistema que trabalha com produção de morte, é o sistema prisional.

Achille Mbembe, autor de *Necropolítica* (2018), se baseia no conceito de biopoder de Michel Foucault, que diz respeito a relações de poder que determinam quem pode viver e quem deve morrer, e faz isso com base em uma leitura racial. Ao propor pensar soberania e estado de exceção e da perda de humanidade, não apenas a partir da guerra e do nazismo nas sociedades modernas, como também nos sistemas coloniais e escravocratas, Mbembe aprofunda a crítica sobre os sistemas de mortes, entendendo morte não apenas como o fim da vida, mas também como assujeitação da pessoa em vida. O sistema prisional possui em sua herança histórica colonial as bases de sociedade escravocrata, que reproduz ainda hoje relações de poder e de morte com aqueles que são

tidos como indesejáveis a uma sociedade. Conhecer histórias de vidas aproxima o humano daquilo que lhe é mais caro, a própria vida.

Ao voltar o olhar deste artigo para o objeto analisado, o podcast RCM, há também uma tomada de posição em relação à perspectiva de gênero. Falar com mulheres, sobre narrativas de histórias de vidas de mulheres, é ser afetada por uma estrutura social desigual no que diz respeito às condições de gênero. E para ir além do gênero, é falar sobre interseccionalidade, que, como dizem Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2020), é uma ferramenta de análise para fenômenos sociais que leva em conta não apenas o gênero, como também raça, classe social, sexualidade. Que entende que nossa sociedade é constituída por múltiplas camadas (inclusive de opressões) e que a perspectiva única ou linear não dá conta dessa estrutura:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária — entre outras — são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (COLLINS; BILGE, 2020, p. 18).

69

No caso do RCM, há uma mulher trans e duas homossexuais, e, entre as cinco protagonistas, três são negras. Suas histórias de vidas, tal como apresentadas nos fragmentos de cartas, refletem as exclusões pelas quais passam. E existe um sistema de opressão que opera sobre todas, o fato de terem vivenciado o cárcere. Opera exclusões sobre seus corpos e subjetividades. Todas convivem com o medo de voltar para a prisão, todas relatam experiências da repetição de exclusões depois de terem vivido o cárcere. Seja pela perspectiva da (falta de) moradia, do trabalho, ou de laços afetivos. Vivem hoje em liberdade, mas *co-vivem* em um sistema que reiteradamente as marginaliza. As autoras complementam:

O domínio interpessoal do poder refere-se ao modo como os indivíduos vivenciam a convergência de poder estrutural, cultural e disciplinar. Esse poder molda identidades interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade, nação e idade que, por sua vez, organizam as interações sociais. A interseccionalidade reconhece que a percepção de pertencimento a um grupo pode tornar as pessoas vulneráveis a diversas formas de preconceito, mas, como somos simultaneamente membros de muitos grupos, nossas identidades complexas podem moldar as maneiras específicas como vivenciamos esse preconceito (*ibid.*, p. 27)

O domínio interpessoal está associado a outros domínios: estrutural, cultural, de disciplina. A perspectiva interseccional reflete, em última instância, sobre um mundo contemporâneo que já entendemos como complexo, que acolhe diversidades culturais, sociais, existenciais. E se a raiz do prefixo inter é “entre”, podemos então entender que essas “seções”, camadas, estão relacionadas entre si.

Enfim, para encaminhar este item, uma última reflexão está sobre o próprio entendimento de comunicação no projeto RCM, que se encontra amparado por práticas de comunicação ditas alternativas, participativas, ou comunitárias. Nessa perspectiva, há uma aposta no comunicar como agência no social, de fazer chegar esta estrutura comunicativa às pessoas que estão socialmente excluídas dos processos comunicativos. Ou, o que seria na perspectiva de Sodré (2014), a comunicação como produção de um comum, o que leva ao entendimento de comunicação não apenas como transmissão de mensagens, ou comunicação intersubjetiva, mas como um laço invisível e irrepresentável construído por efeitos de afecção, a vinculação como coesão social.

E, seguindo nessa mesma direção, seria pensar a agência da comunicação no social pela possibilidade de falar. *Falar* aqui muito ancorado no que trata Djamila Ribeiro (2017), em que a fala ultrapassa o gesto de articulação mecânica vocal e reflete sobre lugares sociais. No caso, refletimos, a partir da experiência do podcast RCM, na fala de mulheres socialmente estigmatizadas. E também como o entende Paul Preciado (2014), que evoca os corpos como *parlantes*, carregadores de sentidos, performativos, produtores de discursividades políticas. Então, trazer a comunicação dessas mulheres, tendo elas próprias como protagonistas de suas próprias histórias de vidas, é uma forma de comunicar à sociedade que existem corpos e vidas reais por trás das narrativas hegemônicas sobre cárcere e sistema prisional. E conhecer histórias reais possibilita a criação de pontes de identificação, alças sensórias, empatia.

E nisso voltamos ao conceito de histórias de vidas e vamos olhar um pouco mais de perto para a mídia podcast.

Podcast, jornalismo íntimo e pessoal

Rádio-Carta Mulher é um programa de podcast, mídia digital que tem ganhado cada vez mais espaço de produção, de divulgação e de adesão do público em nossos tempos. Em formato sonoro, o podcast lembra o antigo radinho que acompanhava as

pessoas em seus afazeres diários. O rádio, a partir de programas de música, notícias ou locuções de jogos de futebol, construiu uma história afetiva que é resgatada principalmente a partir da segunda década dos anos 2000 com a explosão do podcast.

Autores da área discutem a relação entre rádio e podcast como meios distintos, que não devem ser confundidos, mas também é inegável sua relação direta, quase uma herança, do rádio sobre o podcast, pelo menos num primeiro momento. Dentre as diferenças, o que se destaca são os meios de produção, principalmente pelo fato de o rádio estar atrelado a concessões públicas e ao uso de ondas radiofônicas, o que não acontece com o podcast. Este último, assim, tem mais liberdade para criação de programas e conteúdos, e revela uma experiência diferenciada do público que adere ao seu uso. É o que diz Richard Berry (2020), em entrevista a Marcelo Kischinhevsky:

Eu penso que chamar podcasts de rádio é reduutivo e encerra as discussões sobre o que estamos realmente ouvindo. O rádio é um meio dispersivo, nós o ouvimos enquanto fazemos outras coisas, mas pesquisas mostram que as pessoas gostam de se concentrar nos podcasts; [...] Penso que isso significa que os ouvintes estão mais próximos e mais conectados aos podcasts que ouvem. Eles prestam mais atenção e acho que isso abre oportunidades para os produtores fazerem coisas diferentes (KISCHINHEVSKY, 2020, p. 201).

71

O podcast carrega em si a influência do rádio, porém, além dos modos de produção, há diferenças também na forma de recepção. O podcast é considerado por alguns autores como um meio de comunicação de massa, e nisto serão analisados de forma muito similar ao rádio, mas há aqueles que preferem incluí-lo no campo de produção de mídias digitais, o que leva a experiências mais próximas das plataformas digitais do tipo *on demand*, em que o usuário escolhe o quê, como e onde ouvir (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2008). Em seu caráter digital, usualmente disponível em smartphones, que possui características de mídia locativa⁹, o podcast torna-se um companheiro para todas as horas, que você carrega no bolso, com um fone de ouvido, e escuta os mais diversos conteúdos enquanto se desloca para o trabalho na rua, por exemplo, ou enquanto faxina a casa. E, também, se desenvolve para além da herança da programação de rádio, aglutinando então outros modelos e conteúdos de comunicação, numa mesma mídia sonora digital.

⁹ Segundo o autor André Lemos, as mídias locativas estão diretamente conectadas com o desenvolvimento de tecnologias móveis, como o GPS, que conecta dispositivos digitais com um lugar específico (LEMOS, 2008).

Nessa mesma visada, de mídia sonora companheira e locativa, e na relação que se estabelece entre produtor e público ouvinte, a autora norte-americana Mia Lindgren (2020) fala sobre o uso cada vez mais recorrente do que ela chama de *jornalismo narrativo pessoal*, que tem por base a contação de histórias de vidas em mídias sonoras. E ela fala, justamente, sobre como a voz que chega através de fones de ouvidos cria uma relação de afetividade e intimidade entre produtor e receptor. Ela diz:

A contação de histórias do rádio e dos podcasts está perfeitamente posicionada para explorar experiências pessoais vividas. Diferentemente de histórias produzidas para as telas, em que emoções são representadas de forma visual, histórias em áudio (prontamente disponíveis em smartphones) exploram nossas vidas por meio de sons e da palavra falada, sussurradas intimamente em nossos ouvidos. O espaço personalizado de escuta criado por fones de ouvido acomoda ainda mais o vínculo criado entre as vozes na história e o ouvinte (LINDGREN, 2020, p. 114).

Este tipo de experiência intimista e imersiva, proporcionada pelo uso de fones de ouvido, aproxima ouvinte e produtor em uma intimidade mediada tecnologicamente. Partindo da ideia do podcast como uma mídia que acompanha o usuário em seu dia a dia, e da experiência do podcast com uma atenção menos dispersiva que a do rádio, Lindgren (2020) nos apresenta uma pista sensível, em termos de conteúdo, do que estamos tratando como contação de histórias.

Numa ruptura com a ideia de imparcialidade e objetividade jornalística, o jornalismo narrativo pessoal poderia remeter, historicamente, ao jornalismo literário norte-americano dos anos de 1960, em figuras como Truman Capote e Hunter Thompson, em que o valor de notícia não é seu grau de ineditismo ou relevância social, mas sim um valor autoral (do escritor-jornalista) e pessoal (uma história de vida real). Em ambos, de 1960 e de hoje, existe um valor humano, um processo de identificação que se dá pela relação entre produtor e receptor de conteúdo: “A voz é a chave íntima para os corações da audiência. Ao ouvir experiências pessoais detalhadas dos ‘outros’, o ouvinte se conecta com as pessoas com quem compartilha as histórias” (LINDGREN, 2020, p. 118).

E de volta à perspectiva de comunicação como processo de vinculação (que nesta análise se dá pelas narrativas de histórias de vida), Lindgren (2020) fala a respeito do estudo de Lene Bech Sillesen sobre o jornalismo e o poder das emoções, com foco na construção de conexões de empatia entre as pessoas da história e o público. Este estudo

demonstra que “o cérebro humano é estruturado para empatia e a resposta empática aumenta conforme aprendemos mais um sobre o outro” (*ibid.*, p. 118). Ela complementa:

A explicação dos pesquisadores, em síntese, é que nos identificamos com a dor dos outros e, de certa forma, “nossos cérebros entrelaçam nossas próprias experiências com as dos outros” (SILLESEN; IP; UBERTI, 2015). Isso é relevante para entendermos como a narrativa pessoal está impulsionando o atual ressurgimento no rádio e no áudio. Ao apresentar histórias que ilustram vidas interiores, ouvintes podem relacioná-las à sua própria experiência e atingir discernimento e compreensão enquanto escutam, como argumenta Harrington (1997). Este tipo de narrativa íntima e pessoal cria uma plataforma em que o público pode aprender sobre si mesmo ao ouvir sobre outros lutando com desafios emocionais (LINDGREN, 2020, p. 119).

Dessa forma, podemos desenhar um caminho de construção do podcast RCM dentro do que seria uma prática de comunicação alternativa aos processos hegemônicos. Um jornalismo íntimo e pessoal, afinado com perspectivas de criação de empatia pelo próprio vínculo que se estabelece em narrativas de histórias de vidas. Nos termos de Sodré (2014), a comunicação como um processo de vinculação permite a conexão, a feitura de pontes, o atravessamento de muros. A comunicação ganha qualidade de relação e troca.

73

Considerações Finais

Em 2003, quando entrei na penitenciária Talavera Bruce pela primeira vez, o que mais ouvi nas entrevistas das mulheres artesãs foi sobre a comunicação dentro-fora do presídio. Tanto em relação ao que elas estavam lá produzindo, os artesanatos (dentro) que seriam vendidos em exposições fora da prisão, como da comunicação propriamente dita, a mensagem que elas queriam passar para as pessoas que iam escutá-las¹⁰. A mensagem era para não as verem como “ociosas”, para “construir mais galpões [de artesanato], em vez de construir cadeias e cadeados”, que as pessoas as conhecessem pelo que elas eram “e não o que a imprensa conta” (2003). Olhando em retrospectiva, a partir do projeto RCM, este é um ciclo que se fecha.

Este ensaio tentou demonstrar, por meio de um relato de experiência, alternativas não-hegemônicas para práticas de comunicação. Em um texto que costura a análise

¹⁰ As falas aqui citadas estão disponíveis no Vídeo-carta Mãos à Arte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V5GGfDe07PA&t=1143s> Acesso em: 10 jun. 2023.

sobre a metodologia epistolar, com notas de observação participante e o debate teórico decolonial, foi evocada a valorização das narrativas de histórias de vidas como contraponto a sistemas de produção de morte, como o sistema prisional. Assim, pudemos ter contato com aquilo que é inspirado por Caetano Veloso, logo na abertura deste trabalho, a *matéria-vida fina*.

Referências

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

COSTA, R. F.; DE SÁ, J. D. F.; BARBOSA, L. D. S. Análise pragmático-discursiva de cartas trocadas entre Epifânio Dória e José Calasans. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2020.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

GRANGEIRO, D.; RIBEIRO, T. A experiência epistolar de investigadores narrativos: conversando e cartografando vidas, biografias e existências. **Pontos de Interrogação, Revista de Crítica Textual**. Alagoinhas: Universidade do Estado da Bahia (Uneb), 2021.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

GORINI, P. Coletivo em Silêncio: o encontro que cria um corpo político e produz vida. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 15, p. 525-539, 2021.

HERSCHMANN, M.; KISCHINHEVSKY, M. A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 37, dez. 2008.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

KISCHINHEVSKY, M. Richard Berry: “O Rádio está aprendendo muito com o podcasting”. Entrevista: Richard Berry. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana, v. 11, n. 1, p. 200-204, jan./abr. 2020.

LEMOS, A. **Mídias locativas e territórios informacionais**. Salvador: UFBA, 2007.

LINDGREN, M. Jornalismo narrativo pessoal e podcasting. Tradução de Gustavo Ferreira. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana, v. 11, n.01, p. 112-136, jan./abr. 2020.

MÃOS à arte. Coordenador: Nailton de Agostinho. Reportagem/edição: Paula Gorini e Uirá Costa. Entrevistas: Adriana, Carla M., Carla P., Daniela, Lila, Lotta, Mila, Simone, Valéria. Produção: Espaço Facha Comunitário/ NECC (Núcleo de Educação e Comunicação Comunitária). Rio de Janeiro: Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha), 2003. 1 DVD (15:46 min).

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MORAES, M.; TSALLIS, A. C. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. **Revista Polis e Psique**, v. 6, n. 1, p. 39-50, Niterói: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2016.

PIMENTEL, M. R. Da memória à fabulação: por uma serialização do passado. **Gândara (PUC-Rio)**, v. 2, p. 215-223, 2007.

PRECIADO, B. P. **Manifesto Contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SODRÉ, M. **A ciência do Comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

WOLF, M. **Mass media**: contextos e paradigmas. Novas tendências. Efeitos a longo prazo. O newsmaking. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

VELOSO, C.. Cajuína. Cinema transcendental. *Mídia Digital* (2:46)

Submissão: 19 de mai. 2023

Aceite: 21 de jun. 2023.